

DOIS VOCABULÁRIOS: A INCERTEZA EM NOSSA ESCRITA, A INCONSTÂNCIA EM NOSSAS LETRAS

Fernanda Frasson Martendal¹

GLEICK, James². Dois Vocabulários: a incerteza em nossa escrita, a inconstância em nossas letras. In: GLEICK, James. **A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Cap. 3. p. 59-85.

Sociedade da informação e sociedade do conhecimento. É o que preconiza Gleick quando disserta sobre a história e as reminiscências envolvidas na criação do dicionário, como publicação que reúne termos léxicos usualmente colocados em situações cotidianas, em peças de teatro, publicações na literatura e antes, completamente, na história oral.

O autor aborda que oralmente a História se constituía, justamente porque todos os trâmites relacionados ao convívio diário e ao comércio eram sacramentados por meio dela. O grande impulso para que se começasse a preocupar com a questão escrita voltada à comunicação, residiu na constante prática oral entre povos de uma mesma etnia, como os ingleses mencionados na obra e entre povos de outras proveniências, como um intercâmbio em que para comunicar-se, deveriam conhecer um o idioma do outro.

¹ Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: fernanda.martendal@hotmail.com

² James Gleick nasceu em Nova York, em 1954. É jornalista e biógrafo e sua obra *A informação: Uma história, uma teoria, uma enxurrada* foi vencedora do prêmio PEN/E. O. Wilson Literary Science Writing Award.

Desta maneira, o crescente número de habitantes da Inglaterra, suas conquistas como nação hegemônica e a constante ida e vinda de povos distintos, fez com que fosse necessária uma adequação linguística. A forma com que faziam isso demorou um pouco a acontecer. Um dos principais questionamentos residia em como transformar em palavras conceitos que cada cidadão entendia distintamente. E como validá-los como verdadeiros desde o ponto de vista léxico (que estava sendo construído). Como atribuir verdade ao que estava sendo criado?

À priori, foi-se constituindo os arranjos léxicos de maneira a sanar primeiras dificuldades, que foram estas encontradas na comunicação, visto que o fluxo da informação, dado pela comunicação oral e a construção de conhecimento, dada pelo entendimento, apropriação e interpretação da oralidade, não podiam ser baseados em conceitos pressupostos, porque estes não estavam arquivados; não eram registrados de maneira a compor uma linearidade, a fim de que “pesquisadores” futuros pudessem aferir que o que determinada pessoa dizia, já havia sido dito antes, ou que determinado acordo comercial não havia sido feito a tal maneira, como afirmara tal comerciante. A relação de confiança perpassava este momento.

A disseminação de informação desencadeada pela prensa tipográfica apresentou uma mudança de olhares em meio à oralidade, porque a partir daí, o fenômeno da comunicação e das ideias, começou a ser replicado e disseminado a outros campos geográficos, permitindo a diversas sociedades o acesso a uma mesma fonte de informação, desde lugares físicos distintos.

Neste sentido, de maneira a padronizar uma linguagem – considerando as influências em um povo de outros povos, como cita o autor sobre a influência do latim, do francês e do grego – e ao mesmo tempo saber absorver outras, para poder haver comunicação entre sociedades da informação e do conhecimento, é estudada, identificada e compreendida como importante a ordem do alfabeto.

Dita ordenação foi deveras criticada, pois era citada como um querer engessar a linguagem. Por outro lado, era discutido que a linguagem exigiria

uma padronização, de acordo aos termos mais usados, efetivamente, pela sociedade. O que se considerava necessário para que não houvesse, na linguagem escrita, diferentes formas gráficas para escrever a mesma palavra. Esta diferença é, de certa maneira, crucial para este momento de transição, porque a representação da informação pela oralidade podia ser captada pelos ouvidos de diferentes maneiras e assim, transcrita com estas diferentes nuances. Porém, para que houvesse comunicação escrita, todos deveriam seguir um mesmo padrão.

A linguagem, neste sentido, sempre sofreria alterações, porque as viagens de pessoas a outros países, ou mesmo a outras aldeias próximas a si, incorporavam a seu idioma, expressões que não lhes eram nativas e isso complicava ainda mais a vida dos então lexicógrafos. Este fato fez com que o autor ponderasse, em suas pesquisas, que era afirmado que uma mãe já não entenderia seu filho, porque ele utilizava termos demasiadamente diferentes para uma boa compreensão oral, já, por si só. A imaginar a escrita.

De 1530 em diante, Robert Cawdrey, que ansiava por construir um livro com palavras difíceis e seus significados (uma Tabela Alfabética), deu vazão aos primeiros recortes idiomáticos, porém ficou-se sem saber se algumas palavras eram inventadas, pois não foram usadas posteriormente. Contudo, seu estudo fora de fundamental importância para a constituição do que se concebe como o *Oxford English Dictionary (OED)*, o qual utilizou as pesquisas de Cawdrey e as aprofundou no sentido de englobar palavras novas, “fáceis, ou difíceis”, “comuns, ou não”.

A proposta de um dicionário para compilar as palavras ditas, respeitando a regra ordinal do alfabeto iniciou-se por volta de 1582, quando Richard Mulcaster a elucidou. Porém, ao longo do tempo, a criação desta compilação de termos foi defendida sob dois gumes de uma só faca: os de disseminar a informação e aquecer o mercado editorial. Este estava em ascensão e a criação de dicionários, em variados volumes e em constante mutação de termos favoreceria este campo mercadológico.

A princípio, via-se mais sentido em um dicionário significando palavras do idioma nativo de determinado povo, para outro idioma. Não se via importância em haver um livro que compilasse significados de palavras num mesmo idioma, já que, supostamente, o povo conhecia esses significados. Entretanto, o uso seria bastante frequente e útil, visto que para o completo entendimento de poesias, textos literários, eventuais contratos comerciais, precisar-se-ia de significações etimológicas.

Nestes momentos começaram a propagar-se as incertezas dos lexicógrafos, pois sabiam que nunca deixariam de trabalhar. A linguagem está em constante atualização e mutação e tais profissionais começam a questionar-se se o dicionário é um trabalho em vão. Pois, se as palavras vão se tornando obsoletas e criam-se novas para substituí-las na ortografia, o ofício de compilar um dicionário pareceu questionável. É possível identificar estas angústias quando afirma que “não eram apenas as palavras que se encontravam num estado de incerteza, mas o próprio conhecimento”.

Porém, deste modo já não pensavam depois de um tempo em que refletiram que todos os termos pertencem a uma história, partida de distintos pontos, de culturas e outros critérios inseridos na construção das linguagens dos povos. E que estes termos não seriam desconsiderados, pois, de algum modo, sempre voltariam à tona. Contudo, esta confusão mental e paradigmática acentuou-se principalmente após o segundo marco da instituição do dicionário, depois da prensa tipográfica: a internet.

Antes da concepção do fenômeno informacional que é a internet, todos os termos descobertos por meio de observações da literatura e do uso popular, eram verificados em diversas fontes (livros, principalmente), a fim de identificar se eram mesmo usados, porque o dicionário não se propunha a seguir modismos linguísticos. De certa maneira, neste momento, o uso de uma palavra, sua justificativa e a incorporação pelo dicionário se davam de maneira linear, quase palpável.

Com o advento da internet, a maneira de ver esses aspectos mudou consideravelmente. Saltavam termos novos, neologismos e palavras

incorporadas de outros idiomas, publicadas por diversas vias que não mais somente a oral, mas por sites de bate papos, *e-mails*, artigos publicados *online*, algumas influências sintagmáticas aprendidas nas ruas e levadas ao compartilhamento em redes. Redes de informação e de conhecimento. Esta bagunça literal na linearidade encontrada a partir do século XX exigiu e exige dos lexicógrafos atenção ao recorrer às fontes que colocaram determinada palavra em voga e também consciência de que estas fontes serão as mais diversas possíveis.

Como afirma Gleick, Simpson, o idealizador do *OED* estava ciente de que liderava uma revolução em relação ao dicionário impresso e ao dicionário online, pois, além de considerar as palavras como tal, desvinculadas das coisas, que o autor afirma no capítulo como sendo objetos, considerava seus possíveis meios de disseminação e mutações com o passar do tempo. Constituíam-se uma questão de domar o idioma ao mesmo tempo em que mostrava todos os formatos dele, como afirma.

Nestes sentidos, o dicionário assume posição ativa e passiva diante da informação e do conhecimento de que trata, a partir dos significados e entornos sociais, econômicos e epistemológicos de cada letra, palavra e sentido. Como instrumento mutável, “exerce influência na linguagem que tenta observar”, por mais que não queira parecer “engessador” das nuances idiomáticas.

Para a Ciência da Informação, o desenvolvimento da prensa tipográfica e do dicionário constituiu-se como fundamental para a pesquisa científica, para a comunicação livre e sempre contextual. Também no engrandecimento dos conceitos de sociedades da informação e do conhecimento, sejam eles orais ou escritos. É possível discutir que a padronização da construção escrita nos leva tanto a um engessamento, em primeiro momento, quanto a uma densa viagem por entre as etnias e vieses de comunicação.

E saber comunicar faz parte do rol do profissional da informação. Neste meio, considera-se de maneira principal também, a criação, o uso e a disseminação dos dicionários terminológicos inerentes a cada área do conhecimento inserida nas ciências da informação, pois eles auxiliam a

produção escrita em busca de termos que expressem as realidades de cada frente proposta por estas ciências, sejam elas a Ciência da Informação, a Arquivologia, a Biblioteconomia, ou a Museologia.